

# AUTORES & LIVROS

Ano III SUPLEMENTO LITERÁRIO DE "A MANHÃ"  
12/6/1943 publicado semanalmente, sob a direção de Mário  
Leão (Da Academia Brasileira de Letras) Vol. 10 N.º 19

## NOTÍCIA SOBRE ANGELO AGOSTINI

Na anterior, de *AUTORES & LIVROS*, como o de hoje, fui mencionado com que o quarto volume —

que é o quarto volume —

de *Notícias e comentários de autores*, o anterior com que o evocar a figura de José de Souza, o centenário do romântico brasileiro; o de homenageava o nascituro de um escritor e genial artista, Angelo Agostini, um dos grandes homens da luta pela liberdade em nosso país, o autor de uma espécie brasileira de *Os Banhos de Pae Tomaz*, não escondida de enhada.

Angelo Agostini, de certo, não nasceu no Brasil. Viu a luta em Friburgo, uma cidadelha modesta, o Piemonte, e só no dia 10 de Abril de 1883. Nas pernas em sua terra durante quase 100 anos. Cedo já parou Paris, na capital francesa, iniciando seus estudos de arte. Aos

16 anos, veio para o Brasil, e 1888 fundava a *Vida Fluminense*, primeiramente foi redator em São Paulo. Não tardou em fundar seu jornal, *O Diário Caxiá*. Em sua coluna havia colaboradores de Sizenando Nabuco, Luís Gama, o *Gestulino das Trovas Burlescas*, etc. *O Diário Caxiá*, experiência limitada de um jornalista e de um artista ainda não na plena posse de seus recursos completos, pouco exerceu efeitos, e morreu cedo. Mas Angelo Agostini não desanimou. Em breve seu nome brilhava no cabaré de outra publicação, *O Cabrião*. Este era um órgão combativo, que defendia ideias e expunha fatos, dando-se a campanhas destemidas. São Paulo não suportou as audacias da *Revista Ilustrada*. A existência dessa revista, como diziamos na sua, estendeu-se por vinte e dois anos — de 1876 a 1898 — isto é, a *Revista Ilustrada* ap-

(Continua na pág. 203)

## Notas para um perfil de Angelo Agostini — Mário Leão

Angelo Agostini passou este seu tempo, assim, oportunamente economizando o gênero dum homem que, não sendo brasileiro, profundamente o Brasil, e, assim, realmente, um dos grandes combatentes das duas principais campanhas que o jornalismo brasileiro jamais enfrentou — a da República e a da Anarquia. E se a propaganda do Abolição teve algum dia tanto sucesso para a difusão da ideia, a atuação de Angelo Agostini, na evolução espiritual, moral e política do nosso povo, resultou como alguma colina na montanha e até prodigiosa.

Migrou no norte da Itália e fixou seu escritório em Paris, esse homem extraordinário. Vendo para o Brasil — para aquele que, no seu tempo, era uma colônia para todos os exilados — o Brasil da febre amarela, a varíola, o Brasil da peste bubônica, o Brasil de fome e fome catástrofes. Em muitas páginas de suas revistas viam passar as figuras das estolidões, nos desenhos exageradamente expressivos em que a Morte empunha a sua faca, em que a Febre Amarela ou a Peste ou a Variólo-va, levando cemitérios. E um aspecto digno de nota das campanhas de Angelo Agostini, esse em prol da liberdade do Brasil.

Essa sua importância, porém, da que a campanha pela liberdade as campanhas políticas.

No lapis desse prodígio artista, vivem todos os grandes vultos da vida brasileira, e vivem em ridículas e tristes fisionomias. São os figurões da maior importância oficial, como D. Pedro II, como os chicos do governo imperial, como os Sénadores, como os Ministros de Estado, como os Deputados. São também os pró-humana de todos os partidos: profissionais, são os que vivem entre estes, prestando aqueles que não eram a simplicidade do caricaturista, por exemplo, o diretor de *Jornal do Comércio*, que é um dos que acreditam em um mundo lúmido.

Quando solteiro, Agostini vivia numa república, em companhia de vários amigos. Casou-se com uma senhora distinta, de família de aristocrática pertinacia, e, como era natural, tiveram casa, abandonando os companheiros. Mas havia passado uma semana, e capaz de um repúdio tiveram uma reunião, vieram todos regressar à antiga casa, entrar no

quarto que ocupava em solteiro, tirar o paletó, recostar-se na cama, com um livro na mão. Houve, entre eles, como era natural, um escandalizado comentário, um comentarista constrangido diante daquele sujeito que uma semana depois de casado já estava separado da esposa. Final, um deles, o mais íntimo de Agostini, aproximou-se.

— Que diabo, rapaz! Ainda não faz oito dias, e já você abandona a sua pequena? Que desgraça foi essa?

Agostini pareceu despertar dum sonho seu:

— Hein? Desgraça o que? Que pequena?

Ele só entendeu, quando lhe esclareceram tudo, lembrou-se de que estava casado! Tomou às pressas o paletó, pôs o chapéu à cabeça, e correu para casa, onde já estava sendo ansiosamente esperado...

Que ele se esquecesse de que estava casado já era uma coisa muito séria. Mas, afinal, há neste mundo de Deus, muito sujeito casado que sobre repetidamente do mesmo esquecimento.

Mas a distração desse homem fantástico ia a tal ponto que ele chegava a se esquecer de que era Angelo Agostini... Foi o caso que, certo dia, durante uma viagem que fazia a uma cidade europeia, o portelero do hotel lhe trouxe o livro da casa. Ele tomou a pena, morhou-a no tinteiro, e escreveu *Agostini*.

O portelero, vendo o nome isolado, perguntou:

— Sô Agostini? Não tem outro nome?

... O artista vacilou, disse que tinha... Porem não havia maneira de se lembrar qual fosse esse nome... Por fim pediu licença, explicou que voltava depois, saiu do hotel. E só mais tarde conseguiu estabelecer que o seu nome inteiro era Angelo Agostini, e trazer essa pretao informação ao portero do hotel!

Deixou as suas duas historinhas, que me parecem muito pitorescas, e que revelam singularmente uma alma.



PACHECO

ANGELO AGOSTINI

## SUMÁRIO

**PÁGINA 289**

- *Notícias sobre Angelo Agostini*.
- *Notas para um perfil de Angelo Agostini*, de Mário Leão.

**PÁGINA 290:**

- *O lapis da Abolição*, de Brício Filho.
- A companhia lírica de 1825, na *Revista Ilustrada*.
- O poeta e um dos seus maiores críticos.

**PÁGINAS 291 E 292:**

- Galeria de políticos e homens de letras:
- O Conde d'Eu.
- Cottolipe.
- O burro.
- Cottolipe e Silveira da Mota.
- O Conselheiro Lafayette.
- Felício dos Santos.
- Rodolfo Dantas.
- O imperador D. Pedro II em sua segunda infância.
- Ferreira de Araújo.
- O marechal Deodoro.
- Rodrigo Silva.
- Pedro II.
- Luiz de Castro.
- Caxias e Zácaria.
- O General Osório.
- Carlos Gomes.
- Ruy Barbosa.
- Vizconde de Mauá.
- Pedro Luiz.
- Silveira Martins.
- Barbosa Rodrigues.
- Ramalho Ortigão.
- Belimiro de Almeida.

**PÁGINA 293:**

- Angelo Agostini, proclamado cidadão brasileiro.
- Retrato de Angelo Agostini por H. Bernardelli.
- Uma sequência contra a escravidão.

**PÁGINA 294:**

- Cinco jornalistas famosos, no lapis de Angelo Agostini.
- Correspondência de escritores. Uma carta de Angelo Agostini a Luiz de Andrade (fot-simile).

**PÁGINA 295:**

- Angelo Agostini, intérprete de todos os quadros do Salão de 1884.
- A Partida de Jacé.
- O Cemitério.
- Almoco árabe.
- Cabeça de estudo.
- Ferreira Viana.
- Vista do Cavalo.

**PÁGINAS 296 E 297:**

- Duas páginas das mais características de Angelo Agostini, na *Revista Ilustrada*.

**PÁGINA 298:**

- Notícia sobre Luiz de Andrade.
- Luiz de Andrade (Julio Verim) num desenho de

Angelo Agostini.

— Algumas palavras sobre Luiz de Andrade, de José Magarinos.

— Um grupo de republicanos.

**PÁGINA 299:**

- Correspondência de escritores. Carta de Raimundo Corrêa a Luiz de Andrade (fot-simile de autógrafo).
- Grupo de Abolicionistas.

**PÁGINA 300:**

- Na tempos, poesia de Luiz de Andrade.
- Dois sonetos de Luiz de Andrade.
- Detinha complicada, conto de Luiz de Andrade.
- Duas notas de Coimbra de Portuense, sobre Luiz de Andrade.

**PÁGINA 301:**

- Correspondência de escritores. Carta de Guerra Junqueiro a Luiz de Andrade (fot-simile).
- Autores e Livros, de A. Noronha Santos.

**PÁGINAS 302, 303 E 304:**

- Antologia da Literatura Brasileira Contemporânea
- Primeira série — Antologia da Poesia — IX — Murió Mendes.
- Murió Mendes (nota biográfica, com um retrato de Portuense).
- Bibliografia de Murió Mendes.
- Algumas fontes sobre Murió Mendes.
- O homem, a luta e a eternidade.
- Os dois lados.
- A luta.
- Saudação a Ismael Nery.
- Salmo.
- Minha mussa.
- Vocação do poeta.
- Calendário do poeta.
- Elegia.
- Começo.
- O brasileiro D. Pedro II no Brasil não há prosa.
- Soneto do dia 15.
- Reza.
- Jandira.
- Duna iruia.
- Formação.
- Mulher em três tempos.
- Moral do tate.
- Dilatação da Poesia.
- Solidariedade.
- Pre-história.
- Wolfgang Amadeu Mozart.
- Armillavida.
- Aerograma.
- Remover nuvens.
- Acropoema.
- O observador marítimo.
- Carta marítima.
- O poeta marítimo.
- Anonimato.
- Fogo fátuo (fot-simile de autógrafo).



# Galeria de politicos e homens de letras -- (Segundo o lapis de Angelo Agostini)



Na Revista Ilustrada (29-7-1862), acompanhada da seguinte legenda: "Fim de dia: o conselheiro A. o Sr. Conde d'Eu, quando fizer de visitar escolas. Se B. A. misturasse o seu Augusto e Imperial Segundo, não haja nunca ocasião de contestar falsa história".



Calegari e S. Conde da Mota  
Revista Ilustrada — 29-7-1862



O Imperador Pedro II, em sua segunda caminhada sobre o Rio da Prata — Revista Ilustrada (1862)



Conselheiro Leite — Revista Ilustrada (29-7-1862)



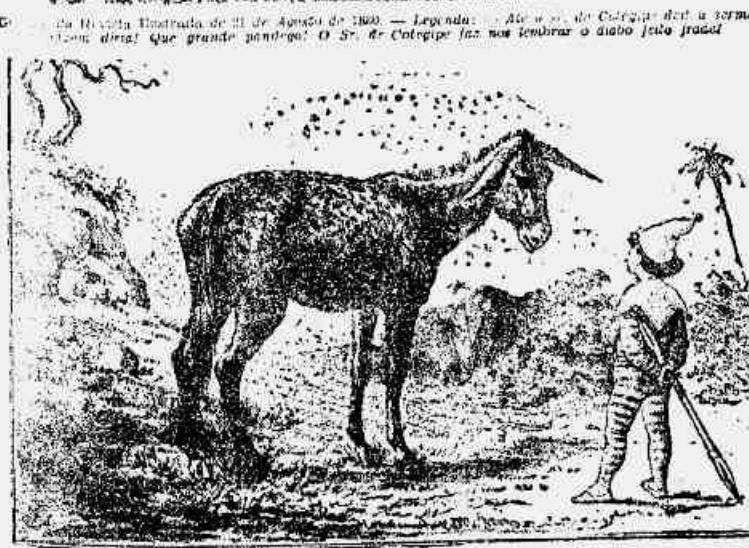
Emperor da África, Imperador da Guiné e Nigéria — Revista Ilustrada (29-7-1862)



Conselheiro Leite — Revista Ilustrada (29-7-1862)



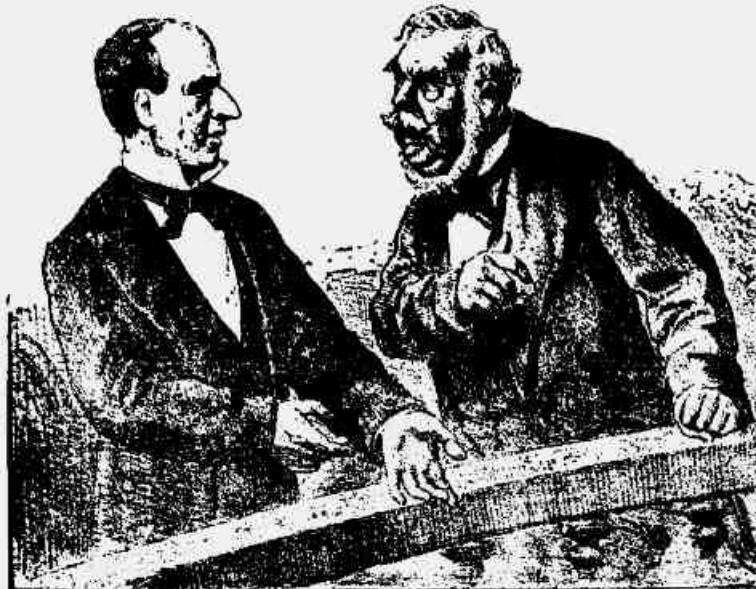
Conselheiro Leite — Revista Ilustrada (29-7-1862)



O ministro da Agricultura, Rodrigo Silveira, está a fazer novo de trabalho. Por isso só o Conselheiro Leite é que o pode classificar como grande vidente. Revista Ilustrada

Ministro da Agricultura (26-3-1872), alegria no domínio do Partido Conservador. A legenda é bem curiosa: "Olha, meu, porque não enxerres com a coela, estas moças que estão a chaparre? Tudo é bom... Nossa não é só eu, mas já estão cheias, e se as enxerres tem outras enxerendas e é pior..."

# Galeria de políticos e homens de letras -- (Segundo o lapis de Angelo Agostini)



Cícero e Zavarce, numa discussão, no Segundo Revista Ilustrada, 5-2-



• Venceslau de Moraes (Revista Ilustrada — 26-5-1877)

Pedro Luiz, ministro da Fazenda — 10-7-1881

## O LAPIS DA ABO-LIÇÃO -- BRICIO FILHO

(Continuação da pág. 280)  
de todos, por curo de escol, em discussão em grande de eloquência, que a praia de impressão de "Revista Ilustrada" era a poesia, clara de maior da liberdade. Compreende-se, portanto, que, na ora histórica considerada, por mim ex-

perimentada ao saber que, no Conselho Municipal, o Edil-morante Pinto Lima, em resto reclamante de levante, nascido de projeto, com real aprovacão, que o nome de Angelo Agostini só já dava a tinta das ruelas da capital. Não importa o seu nascimento, ou seja latra, ou este seu nome Celso Alves, e seopsa da morte em pau no seu espalho as lávras do Vitorino e as exortações de amor. Ele foi um grande brasileiro, encantado na pímina linda, estive entre os mais arrejados. Prepara uma das mais fulgurantes paradas, o desenho livo da redenção.

U. R. do Brasil — 23-8-1881.

• Homem de P. H. no jardim, pelo menos de nome, a festeira do desenho — Revista Ilustrada — 15-6-1877



• O presidente da república — Revista Ilustrada — 2-2-1877



Carlos Gomes (Revista Ilustrada — 24-7-1877)



• Antônio da Costa, Cícero e Zavarce, de Couto — Revista Ilustrada — 16-12-1877



• Bento Barbosa, no topo, a redinha — Barbosa Rodrigues (Revista Ilustrada — 1-1-1881)

• Rondoni, Octávio (Revista Ilustrada — 11-1-1881)

• Edmundo de Almeida (Revista Ilustrada — 21-2-1881)



• Joaquim Silveira Martins no Segundo Revista Ilustrada de 21-8-1880



• Antônio da Costa, Cícero e Zavarce, de Couto — Revista Ilustrada — 16-12-1877





## Angelo Agostini, intérprete dos quadros do Salão de 1884



A fúria de Jacob, de Rodolfo Amado — "A mãe de Jacob entende a mão e vendo que não chove, deixa seu filho partir"



*Pedro Américo — Almoço à la Brase, "Que almoço é que guisa! Timbúcará para engulir milho verde..."*



Wingerter — Caboça de 1820  
"Se continuar a esfumar, será mais  
um bom critico"



— O que me deixa deixa obriga-me a encarar errado. Tô no caminho certo, mas preciso vir. Mirim é como pôrder, e é tu te caminho que o pôrde. Vítor entendeu, como eu próprio o entendo, quando aí entendeu. — One a sua poetheta me seja feta Amor! — Nota em clássico: desta página encontram-se na "Revista Ilustrada" do 26-10-1884.



Tomas Driendy — Retrato biográfico do dr. Ferreira Viana na atitude de quem medita sobre o To be or not to be. "Se se trata de personagem, podemos garantir que ele é to be, isto é esplêndido como retrato e como quadro".

## Notícia sobre Angelo Agostini

(Continuación de nro. 388)

nhou exatamente o período da  
maioridade em que se realizaram  
as nossas duas campanhas  
cívicas: a da Abolição e a  
da República. Em ambas, An-  
gelo Agostini tomou parte sa-  
bilemente.

A Revista Ilustrada deu o seu primeiro numero em 1 de Janeiro do ano acima citado. Tinha sua redação a Rua da Assembleia n.º 44, e recebia assinaturas na sua sede e na livraria Gernier. Tratava como simples os seus giornais encadernados, e os carnavalescos. A sua vanguarda era um coro, a sua vanguarda, enfileirando uns sobre os outros, em algum sujeito tímido. Um deles, garoto triste, com um sorriso de espírito, na qual se viam amarradas um a outra, duas lâpis; e circundando essa garrafa, esse lapis, e essa lâpis, se via uma fita, estreita e ligante. Edificava existindo

... seu programa, significava o arco de pumba iniciado em 1946. Fazia a verdade, sempre a verdade, ainda que não houvesse algum sentido. Quem lhe deu a chance da Revista Ilustrada teve, com facilidade, que achar que a imprensa foi sempre confiável, a respeito. Certo que não é verdade, neste caso, os campeões de trapação são os aten-

de trânsito que um ex-  
-Militar, Juiz de Letras e  
-Comendador, Luís de Antônio  
-Gomes, distinguiu Campos Po-  
-tugal, falecido no Rio, D. da Cruz,  
-Eduardo Filho, conforme a enu-  
-meração que, em seu artigo O  
-Juiz da Abolição, faz o proprio  
-Bento Filho, conforme a enu-  
-meração que vai na página  
-220. Convém não esquecer,

Agostini trabalhou esforçadamente pelo Brasil, sua evolução com costumes e ideias no Brasil. Aqui constituiu família, casando-se com uma senhora que pertencia à camada melhor da nobreza nacionalidade. Tudo isso o identificava profundamente com o Brasil, e realmente partidas brasileiras de nascimento terão feito tanto por nós, pelo seu povo e pela nossa terra, quanto ele o fez. Ele porque, era um banqueiro em sua honra realizada no mesmo ano da Abolição, Joaquim Nabuco e o Conselheiro Dutra lhe ofereceram, entre brados festivos de entusiasmo de amigos, o título que lhe outorgava o próprio colégio do Brasil — o de cidadão brasileiro.

— cidade, em 23 de Janeiro de 1910.



Jorge Grinim — Vista do Cavalo — "Qual cavalo nem cavalo! O que se vê é um pitoresco estrado de chácara muito bem pintada e umas árvores verdes, muito bem verdes".

# DUAS PÁGINAS DAS MAIS CARACTERÍSTICAS DE



J. M. foi visto, escutado, examinado e apalpado por varias notabilidades medicas, que o acharam quasi sao como um perro.



É a prova de que elles nao se enganaram, é que J. M. continua no seu sistema de andar a galope por todos a pavilhão. Pobre consciencia e pobres reporters!

Os medicos aconselharam a J. M. que fosse a Badenbiss e restabelecesse completamente. Ainda bem!



Nas horas vagas, della poesia, empusso na lyra e qual trovador canta a patria amante.



É indispensavel perscutir as armas imperiais, uma lyra um rei poeta e consa varas!

Esta mais que provado hoje que a VERDADEIRA misteria que prostrou J. M. durante tantos meses, foi uma Catecizeira aguda



Dessa mesma misteria sofre o pais actualmente. O seu estado nao é dos mais satisfactorios.

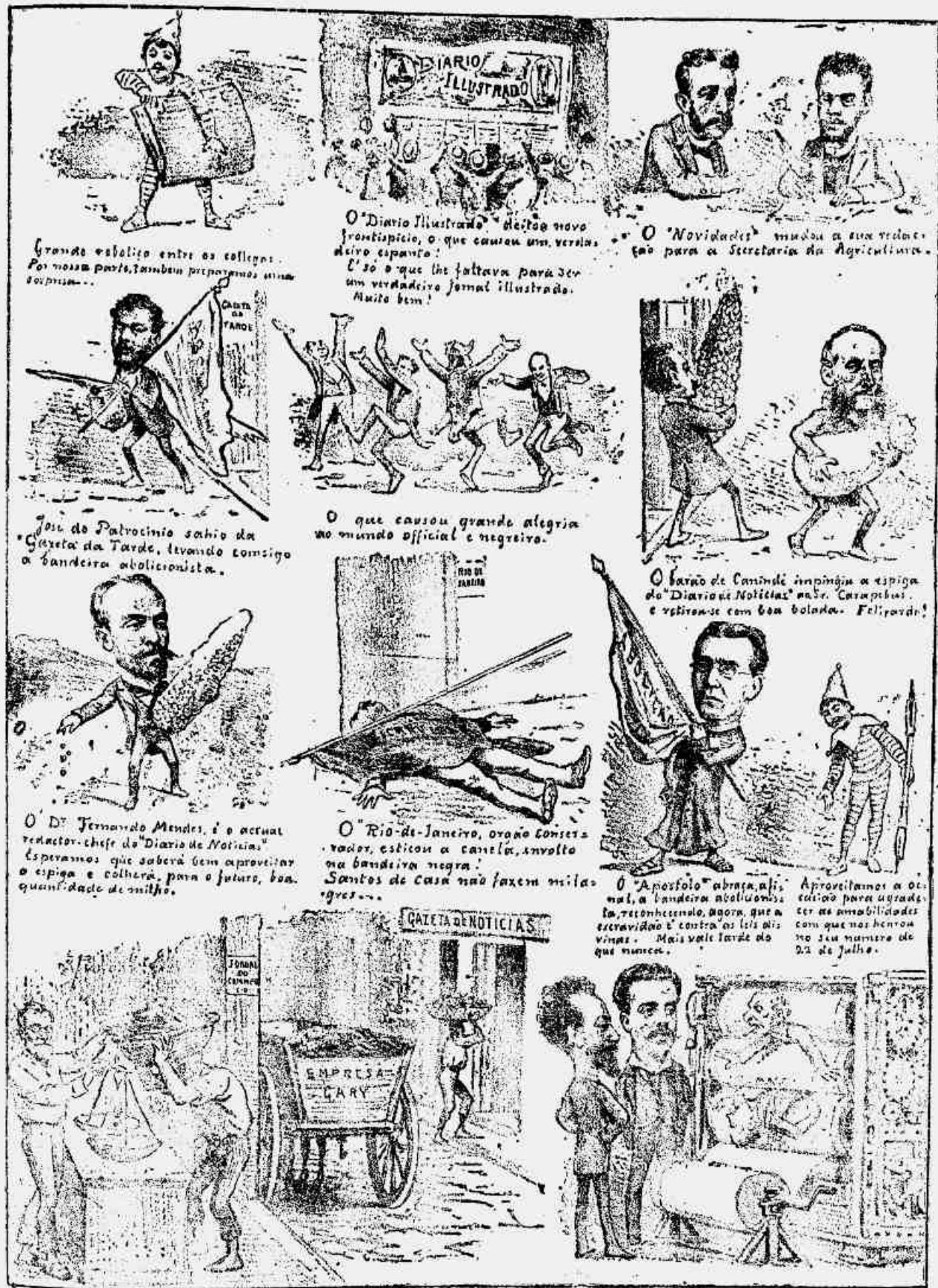


E se nao lhe acudirem os tempos... É rezar-lhe pela alma! Pobre pais!!!



Uma pagina de Angelo Agostini... — Nesse mundo seu fui d. General e caricaturista, que é a coleção da Revista Ilustrada, existem páginas e mais páginas que são salvores contra os grandes homens da Monarquia. Tendo que escolher uma delas para dar ao leitor uma impressão do que foi, se, em conjunto, o desenho de d. Vitor da Revista Ilustrada optava pelo que aqui se encontra. Nela Jesus, num regaço de dez devotos, varas pitorescas, oitavas de D. Pedro II; o Imperador sendo um culto, visto seu intelecto, seu perdido, correndo com um bodecão nos céus, o Imperador tomando um banho de chuveiro, o Imperador tocando a sua desfazenda Brá, o Imperador deitado, enfermo, com um leite na caliceira... Nela temos: Tomba! Caramulo, chefe do gabinete matando o Brasil, de catedre, com o seu entremo político, Temas o Brasil morto e enterrado. E finalmente, num basílio dado por S. M. Catecizeira 1<sup>a</sup>, a prova de que na opinião do chefe do ministério imperial, tudo ia correndo no Brasil os mil maravilhos, no Brasil enterrado... (A ilustração pertence ao meiaano da Revista Ilustrada de 20-8-1927).

# ANGELO AGOSTINI, NA "REVISTA ILUSTRADA"



Outra réplica de romântico, que desejavamos oferecer ao leitor, extraíndo-a à deliciosa coleção da Revista Ilustrada, era alguma que dissesse respeito aos homens de imprensa e aos leitores de livros. Há m'nos de dada, na revista de Angelo Agostini. Acheimos por escolher a que aqui apresentamos. Nela aparecem alguns dos principais jornalistas da época, daquele exuberante ano de 1887, e para apêgo da campanha abolicionista. Nela vemos a figurinha do garoto carnavalesco que nos desenhou de Agostini personificando a Revolução; vemos Almeida Goumbera, diretor das Novidades, ao lado do ministro da Agricultura; vemos José do Patrocínio, sujeito da Gazeira da Tarde e levando consigo a bandeira abolicionista; vemos Fernando Mendes, diretor do Diário de Notícias; e Laia de Castro, diretor do Jornal do Comércio; e Quintino Bocaiuva, diretor de O País, e outros mais. (A página é reproduzida da Revista Ilustrada — 2-9-1887).

## ALGUMAS PALAVRAS SOBRE LUIZ DE ANDRADE

*José Marques*

Recorrendo-se ao dicionário, político, jura abolicionista, jura encantado sobre o turbo es- parlamentar.

quicer, esta definição: *Novo Biele*, acrescento eu, joga mestral, dada a cada tribuna de sua tribunaleza pa- ginação a quecer sua di- tância, apesar a volumosa, sua elo- giosa tribunaleza, sua pena mui- go, etc.

O esquadrão traz, portan- to, incorreções, elas de se aproximar dos homens a malas e maiores, terribel das injustiças.

Falo assim eu, por outa re- cordo-me ao excretamento, em virtude de me haver lembrado da alvura em que abraçaram Luiz de Andrade, jure abolicionista, escritor e poeta, abolicionista em merito e deputado nos primeiros tempos da constituinte.

Admito-me de tal fato, e ainda mais, constrange-me ter a Associação Brasileira da Imprensa, nas suas últimas comemorações ao dia da Imprensa, deixar em silêncio o nome de um jornalista e escritor, que só poderia esquecer-las, se fosse uma referência à sua memória, ao mesmo tempo que lhe er- guesse o retrato entre valiosos que lhe prestigiam e honram as galerias.

Se mais não houvesse, insta- ria o que se é de José do Patrício, em seu memorial ati- tivo, publicado em 20 de novem- bro de 1883, em "A Cidade do Rio", em que diz:

"Em Portugal o nome de Luiz de Andrade cou para sempre honrado, pelo mais cíntimo aplauso".

Poeta, ao lado de Junqueiro, jornalista, valze os redatores d'"O Século", Luiz de Andrade foi, em Portugal, brillante mestre do que pode o espírito brasileiro, nas modalidades de que é capaz. E não só em Portugal, no Brasil, onde se honrou e soube honrar a sua gran- de pátria.

O sr. Nello Campello, profes- sor de direito, homem de letras e exímio orador, em discurso pronunciado na 115<sup>a</sup> sessão da Câmara, em 29 de setembro de 1912, na qualidade de deputado por Pernambuco, fez o panegi- rico de Luiz de Andrade, sob os aplausos de todas as bancadas.

Disse em termos repassados de nobres sentimentos as qual- dades do mestre morto, exaltan- do-lhe os dotes intelectuais e morais e empenhando-se por demonstrar que o filho de Per- nambuco correu a escala por onde o talento se projeta e se ilumina: fora poeta, literato, jornalista, além de mais, jura sociológica à fenomenalidade.

E só dos pernambucanos!

Certamente que não.

Pelos seus súltimos orações, pelo seu florido eloquio, poucos não foram os que lhe ouviram as belas, além do sublido preciosas e constitucionalidade das aulas, que sempre os versou com profundo e ardor.

Jornalista de pulso, a seu vários assuntos, desde o amar- levo, do concello, profundo de moral e empenhado-se por demonstrar que o filho de Per- nambuco correu a escala por onde o talento se projeta e se ilumina: fora poeta, literato, jornalista, além de mais, jura sociológica à fenomenalidade.



Júlio Veratti quando deputado por Pernambuco, à Constituição republicana. (Desenho de Angelo Agostini, n.º 25 do Panteão da Revista Ilustrada).

## Notícia sobre Luiz de Andrade

**Luiz de Andrade** — Júlio Veratti quando deputado por Pernambuco, à Constituição republicana. (Desenho de Angelo Agostini, n.º 25 do Panteão da Revista Ilustrada).

Luiz de Andrade — Júlio Veratti quando deputado por Pernambuco, à Constituição republicana. (Desenho de Angelo Agostini, n.º 25 do Panteão da Revista Ilustrada).

Luiz de Andrade — nasceu no Recife, de Andrade deixou vários tra- em 20 de novembro de 1840, baus: um discurso de sauda- (Foto: o que diz S. Blaize). Se- ção a Saldanha Marinho, um batista Galvão diz que foi a 3º de mesmo mês. Era filho de Joaquim Santos Andrade e Amália Rodrigues de Andrade. Foi em clínica para Portugal e ali fez o curso superior de Letras, estudando também matemática e filosofia em Coimbra. Não se formou, porém, em coisa alguma. Parce que seu tempo de estudante era pouco para as coisas das horas, pois segundo a informação de Galvão, ele em Lisboa, tivera um possidente humorístico, a Lan- terna Mágica, com o colabora- cão de Gómez Juncos, Guilherme Arcevedo e Bento Pli- nharia.

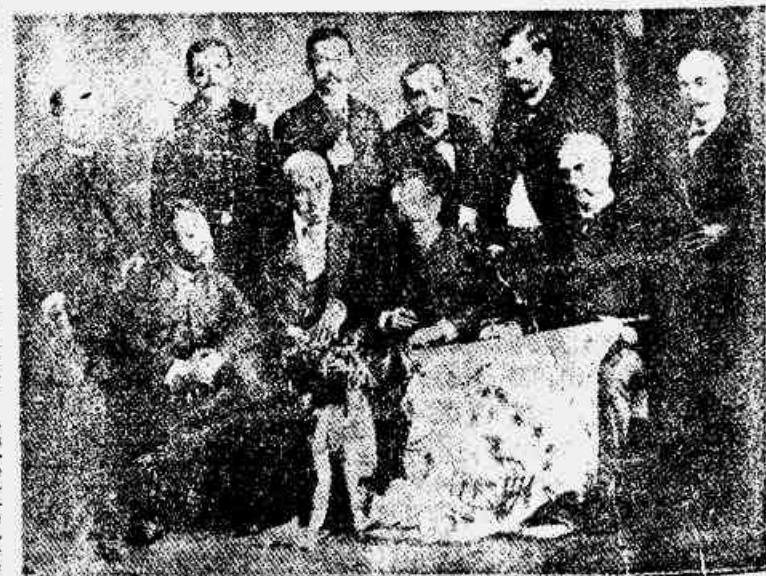
Volto ao Brasil e fixou resi- dência no Rio. Iniciou suas colab- orações nos jornais, como o Diário Popular, o Cruzeiro, a Re- vista Ilustrada, a Gazeta da Tarde, Diário da Manhã, duran- tina viagem que em 1854 fez à Europa o diretor eleito, foi Luiz de Andrade diretor interin- no. Em 1859 foi deputado à Constituinte Republicana. Em 1868 foi nomeado ministro da Segurança Pública no Rio, em 23 de setembro de 1872.

Volto ao Brasil e fixou resi- dência no Rio. Iniciou suas colab- orações nos jornais, como o Diário Popular, o Cruzeiro, a Re- vista Ilustrada, a Gazeta da Tarde, Diário da Manhã, duran- tina viagem que em 1854 fez à Europa o diretor eleito, foi Luiz de Andrade diretor interin- no. Em 1859 foi deputado à Constituinte Republicana. Em 1868 foi nomeado ministro da Segurança Pública no Rio, em 23 de setembro de 1872.

Segundo Sebastião Galvão, fe- lizmente achar sempre as suas informações com o maior de- dos cuidados, pois não somente por a nossa disposição, para a sua revista é misérrima, me- morando artigos por dentro uns AUTORES E LIVROS. A esse

queiro, Raimundo Corrêa e An- gelo Agostini, os retratos, em grupo, de Blaize, Coelho Neto, Luiz Mauá e Luiz de Andrade, etc.

## Um grupo de republicanos



A 1<sup>a</sup> bandeira republicana — Em pé da esquerda para a direita: Ignácio Von Doellinger, capitão Lu- zia, Dr. Eusébio de Souza, Prazeres Gomes Medeiros, Luiz de Andrade, José de Souza Magalhães, — Sen- dos — José do Patrocínio, André Bobonqas, Angelo Agostini, Júlio Clapp

## Correspondência de escritores

## Carta de Raimundo Corrêa a Luiz de Andrade

— Se Luiz de Andrade, n.º 9 de Janeiro de 1942, me pusere a mandar-lhe o seu artigo sobre o poeta seu ex-estudante, que era de um suplemento da "Revista Brasileira" em seguida ao "Brasil", não tenha tido assim a oportunidade de apresentar, com a intenção de contrapor possivelmente, que o autor admira pelas suas virtudes de escritor, mas quase de parente o seu ex-estudante. O brilhantismo se ocupou de mim, e respondeu a opinião da minha profissão de magistrado, e da minha profissão de plástico. Trouxe-me, também, que reconhecia o seu mérito, mas desejava.

Na sua vez, abriu-me mandando-me o artigo, para que o fosse visto, e respondeu que se pela sua admiração pelo autor, eu fosse agradado a publicá-lo. Fiz o que ele me pediu, e o resultado é que desejava que fosse publicado.

Raimundo Corrêa

*Ilha "São Luís d'Andrade  
Novecentos" da "jornal de 1887*

Se agora pôs em sua "gabinete" a minha gratidão sincera pelo seu encantador artigo "São Luís de 1887", que descreveu sonhadoramente a publicidade da Ilha, é devido ao seu desejado "São Luís de 1887".

Em quanto mais lembro, esteve ainda a honra de lhe apresentar, como a salve-jugos de um sentimento pessoal que, havendo já, que aderei pelas suas grandes virtudes de escrivente, abrindo-lhe, de que se percebe o seu gosto e destreza, a maior felicidade.

Este é o que se encontra, de resto, em que se percebe o seu gosto e destreza, a maior felicidade.

de plástico, tinhas-me todo o conforto que juntas necessitavam a combinar, e alegria que desejava. E tu tens-me alguma manifestação da tua maravilhosa poesia, que só pela maldade poderiam ser inspiradas, tanto mais quanto a poesia aquela defendia a tua entusiasmada desordemada!

As tuas outras poesias também, com amarre, mas sondadoras, com poesia de entusiasmo, que percebem em mim a sua bela e nobre ação, para mim tão honrosa, e da poesia gratidão e estima com que desejavas de

*Raimundo Corrêa*

## GRUPO DE ABOLICIONISTAS



Directoria da Confederação Abolicionista. — Em pé da esquerda para a direita: Dr. Luiz de Andrade, Dr. José Vaz Dantas, Dr. Gómez Melo, Capitão Luiz Pereira, Souto, Anselmo, Júlio César, José de Souza Magalhães.

— Luiz de Andrade não se queixou; houve lasso na redação de seu nome, por ocasião da festa da Imprensa!

— se se recorrer ao dicionário, o seu nome lá não estará na cultura esquemática...

— Foi um lasso!

"Jogos Brasileiros", de dezembro de 1941.

# NO TEMPLÓ — Luiz de Andrade

Oh Cristo, oh sonhador da fronte macerada,  
Eu choro ao ver-te assim nos braços dessa cruz,  
E canto em tua dor! Mas se entra a minha amada  
Esquece-me, de todo, oh pálido Jesus!

Perdão-me se vim ao templo silencioso,  
Profanando os clarões das lâmpadas dormentes,  
Viver na doce luz dum sonho esplendoroso,  
Re-solde o lâbilo impuro às orações dos crentes.

Pois é grande amor que as almas incendia  
E meu peito abraçou na lava dos vulcões,  
Lançando nos braços meus a péruida cadeia,  
As preces me transforma em lânguidas canções.  
E desde que brilhou a ideia alvorada,  
E pude achar-te enfim, oh minha loura amante,  
Santo e na alma vagar, perdida, incendiada,  
No lúbrico julgar dum sonho desumbrante.

## DOIS SONETOS DE LUIZ DE ANDRADE

### PRANTO DE MULHER

LA neves climas onde, em noites silenciosas,  
A irrita sedeca em tênuo descante,  
E a luna vem beijar a longa seiva ondulante,  
E penora sulli nos calices das rosas!

LA onde a terra é milha das árvores grandiosas,  
que baldearam no céu a coma murmurante,  
sentiu-te qual tu és, oh deodal amante,  
a mais bela e cruel das Virgens caprichosas.

É o primor bem sei! No teu olhar sereno  
hei de te febril o rosto veneno,  
que tu' roubou a paz dos sonhos meus tranqüilos.

Mal, vai quebrar-se enfim o misterioso encanto:  
Conheço-te, mulher! que vés no teu pranto  
e choro enganador dos ventos crocodilos!  
("A Folha" — "Microcosmo Literário" — Coimbra)

### A CONFESSÃO

A uma velha catedral escura  
de muros pirânicos fui levá-la-me um dia.  
Entre as sombras da Igreja resplendia  
a rubra face do almeado cura.

Caiu-lhe aos pés; contel-lhe a vida impura,  
e estando de joelhos era que eu vivia  
com a linda mulher, que estremecia,  
como à conforto mais amada e pura.

— "Causa-me asombro esse viver horrendo!"  
bradou e foi-se ao longo das arquadas,  
talvez de santa indignação tremendo.

Passou lugubres noites agitadas!  
Cruéis remorsos!... Mas curte-me vendo  
e tal Sardanapalo entre as criadas.

("A Folha" — "Microcosmo Literário" — Coimbra)

Mas a dama gentil dos lânguidos amores,  
essa mulher pagá nas formas voluptuosas,  
Nem divaga ao luar colhendo esbertas flores,  
Nem se mostra no balcão em noites silenciosas.

Tem um doce viver, modesto e recatada,  
Num ermo silêncio a cândida donzela,  
Em vão de noite ergui o canto soluçando  
Aos viventes festões da tântica Janeira.

Se nunca a pude achar em populosa festa,  
Se nunca a pude ver em floridos Jardins,  
Em vão a procurei nas solícidas modestas,  
E percorri do val os mormurados confins

Um domingo, porém, buscando solitário  
A paz das orações em minha vida escura,  
Eu pude ver, oh Cristo, a luxo do teu santuário  
A cândida mulher, a pálida figura.

Hoje vivo feliz, e à minha doce amada  
Já tenho surpreendido o casto olhar a medo,  
E a velha catedral, herculea sombrada,  
Sabe do nosso amor... e guarda-me segredo.

Na missa da manhã seu rosto ideal contempla  
No móbido langor dos esmalados cílios  
E quando a vejo assim, à branda luxo do templo,  
De lumbro-me a sonhar inógnitos idílios.

Oh Cristo, oh sonhador da fronte macerada,  
Eu choro ao ver-te assim nos braços dessa cruz,  
Orando aos céus por nós! mas se entra a minha  
Esquece-me de todo, oh pálido Jesus!

("República das Letras" — 1939)

## UMAS NOTAS DO "COMÉRCIO DO PORTO", SOBRE LUIZ DE ANDRADE

### Correspondência do Rio de Janeiro

São interessantíssimas as informações que na carta publicada em outro lugar dessa folha nos fornece o nosso ilustre correspondente no Rio de Janeiro com respeito às medidas adotadas contra a febre amarela naquela capital e especialmente à grandiosa empreza de abastecimento de águas realizada pelo dr. Pinto Frontin no curto prazo de seis dias!

Já que falamos do modo brilhante como o nosso ilustre correspondente se refere a tão importante assunto, aproveitamos o ensejo de revelar o nome do cavalheiro que tanto honra o "Comércio do Porto" com os seus escritos.

E' o distinto jornalista dr. Luiz de Andrade, que, juntamente com o conselheiro Ruy

(Continua na pg. seguinte)



Um documento valioso, pertencente ao arquivo de Luiz de Andrade.  
— Da direita para a esquerda: Olavo Bilac, Luiz de Andrade, Ciro  
Netto e Luiz Murat (este último deitado deitado a fotografar).

# DOENÇA COMPLICADA — Luiz de Andrade

No tempo em que as irmãs da caridade  
eram formosas damas  
que abrigavam no seio as doces flamas  
do amor da humanidade,  
quis a sorte que um dia,  
em terrível duelo.

Arthur, um Lovelace amante e belo,  
caiu mal ferido à terra fria.

Grande atribuição,  
prantos, soluções, horrido alvoroço  
no seio da família,  
que cheia de aflição  
em torno ao leito do ferido moço  
passava as noites em cruel vigília.

Quis a sorte porém  
que o tal golpe profundo  
não fosse dos que veem  
roubar-nos as delícias de te mundo.

Aos cuidados de um médico eminentíssimo,  
melhorava o doente:  
e, para haver maior soltura,  
buscaram sem tardar  
uma piedosa irmã da caridade,  
cheia de forças e cheia de saúde,  
que o viesse tratar;  
e aconteceu que fosse  
uma dama na flor da mocidade,  
de olhar sereno e doce.

No carinhoso rosto  
brando, moreno, a sensual viveza  
soltava-se umas nuvens de desgosto,  
uma doce tristeza.  
Do seio encantador  
na curva inaculada,  
que divinal primor.  
Assim, de madrugada,  
as ondas voluptuosas  
palpitam pelas praias areadas.

Olhá-la era sentir o coração  
abrir-se alegremente  
em cândida expansão,  
como purpúrea flor no sol nascença.  
Era voar às regiões secretas,

nos púramos risinhos,  
onde as lânguidas amas dos poetas  
vão passeando os amorosos sonhos.

A luz dos brandas olhos setinados  
o moço melhorava;  
o bom doutor louvava os poderosos  
remédios que ao doente recebia;  
e o moço prometia  
breve ter cura ao mal que o torturava.  
Sorrindo agradecia  
a cândida enfermeira,  
desvenda e louça,  
que o consolava em sua dor primeira,  
como se fosse a mais querida irmã.

Iam as cuias nisto  
quando, caso imprevisto,  
conhecer o doente a piorar.

Vem o doutor à pressa,  
corre sem mais tardar;  
toma-lhe o pulso, apõe pa-lhe a cabeça,  
examina-o com pausa,  
e faz mil conjecturas exquisitas,  
que possam a distâncias infinitas  
da verdadeira causa.

A mãe do moço, em tristes aflições,  
faz intensas ofertas valentes,  
aos santos de maiores devocões  
e as santas milagrosas.  
Promete a Santo Antônio  
velos de cera, a esmola,  
mas nota que é o mesmo  
que prometê-las ao cruel demônio.

E o moço a piorar;  
e a angustiada gente,  
sem o poder salvar,  
chora constantemente.

E a gentil enfermeira,  
no seu fervor santo temor,  
não deixa um só instante a cabeceira  
do moribundo enfermo.

O médico consulta  
os livros da ciência,  
e perde enfim de todo a paciência;  
livros e matres sem respeito insulta.  
Dá no diabo os manes de Galeno  
e tomado de fúria insana e brava  
manda sam mais nem menos  
Hipócrates à fava.

Estavam nisto. O doente tinha horas  
em que se apresentava  
com sensíveis melhorias.  
O médico rismava  
em mil complicações, coisas estranhas;  
mas o que é mais que certo  
é que andava as aranhas.  
Consultava o doente bem de perto  
e via com horror a doença física  
e descalindo na incurável lâsica.

Mas elas que um belo dia,  
a certa hora não acostumada,  
o médico subia,  
pe ante pé, a solitária escrava.  
E qual velha raposa experiente,  
tomado de suspeita pouco honesta,  
ant' de entrar no quarto do doente,  
lança os olhos à fresta  
que se abria na porta mal fechada.  
Como um velho amador  
contempla uma obra de arte inesperada,  
um quadro de valor,  
tal o médico ansioso e pensativo  
crava o seu longo olhar  
num belo quadro vivo,  
que o meu lapis não ousa bocquejar.

E logo no outro dia  
a irritada família despediu  
a gentil enfermeira.  
Em seu lugar uma matrona idosa,  
gorzosa, pesada, flácida, olhos  
do pobre moço à beira,  
contava histórias de morte de tédio.  
O caso é que o doutor,  
sabendo os lances a que obriega o amar,  
via a doença e dera-lhe o remédio.

("O Cinejul" — 1939)



# ANTOLOGIA DA LITERATURA BRASILEIRA

## MURILLO MENDES

Murilo Monteiro Mendes nasceu em Juiz de Fora, Minas Gerais, em 1902. É filho de Onofre Mendes e D. Elisa Monteiro Mendes.

Faz os seus estudos naquela cidade, na Academia do Verbo Divino, e depois em Niterói, no Colégio Santa Rosa.

Trabalhou na antiga diretoria do Patrônio Nacional e na Hidro-Mineração do Rio da Janeiro. E, desde alguns anos, inspector federal do Ensino Secundário, nessa capital.

Em 1934 converteu-se ao Católico.

### Algumas fontes de informação sobre Murilo Mendes

— Arquimiro Orleiro — *Evolução da Poesia Brasileira*.

— Andrade Murici — *A nova Literatura Brasileira*.

— Antônio Machado — in *Boletim de Ariei*.

— João Ribeiro — *Poemas (Jornal do Brasil, 17-4-1931)*.

— História do Brasil — (Jornal do Brasil — 8-6-1933).

— Jorge de Lima — *A Poesia e a Mistica*.

— José Oávio de Freitas Júnior — *Ensaios de Crítica e Poesia*.

— Manuel Anselmo — *Caminhos e Ansiedades da Poesia Portuguesa Contemporânea*, — Também em *Família Literária Indo-Brasileira*.

— Manuel Bandeira — *Ansário de Literatura Brasileira* — 1939.

— Mário de Andrade — *Revista Nova*, de São Paulo — 1931.

— Mário Leão — *Esteiro de duas Gerações — AUTORES E LIVROS* — 21-3-1943.

— Pedro Daniels (Prudente de Moraes Netto) — *Sobre Poemas — A Ordem* — Junho 1931.

— Tritão de Athayde — *Estudos*.

— Víncius de Moraes — *La Moderna Poesia Brasileira — Sur (de Buenos Aires)* — 1941.

lollismo, talvez por influxo do seu grande amigo Ismael Nery, falecido naquele ano.

Murilo Mendes tem colaborado, frequentemente, em revistas e jornais de Rio e de várias cidades brasileiras. Entre os jornais cariocas que têm merecido sua colaboração, constam-se *AUTORES E LIVROS*, *A Ordem* e *Lanterna Verde*.

### Bibliografia de Murilo Mendes

Murilo Mendes tem publicado os seguintes livros:

— *POEMAS (1925-1929)* — 96 páginas — Estabelecimento Gráfico Dias Cardoso — Juiz de Fora — 1930.

— *HISTÓRIA DO BRASIL* — 137 páginas — Ariel, Editora Lida — Rio de Janeiro (s. d.) — 1932.

— *TEMPO E ETERNIDADE* — Em colaboração com Jorge de Lima — 125 páginas — Edição da Livraria do Globo — Porto Alegre — 1935.

— *A POESIA EM PANICO* — 1936-1937. — Capa de Murilo Mendes e Jorge de Lima (fotomontagem), com letrilhos de Santa Rosa. — 103 páginas — Cooperativa Cultural Guanabara — Rio de Janeiro — 1938.

— *VISIONÁRIO* — Poemas — 1930-1933. — Este livro foi escrito de 1930 a 1933. — Da edição foram tirados em exemplares em papel Vergé para as subscritoras — 140 páginas — Livraria José Olímpio — Rio — 1941. Tem inéditos, prontos para o prelo, os seguintes livros de poemas:

— *OS QUATRO ELEMENTOS* — (1935).

— *PARÁBOLA* — (1936).

— *AS METAMORFOSES* — (1938).

— *O VEU DO TEMPO* — (1941).

— *MUNDO ENIGMA* — (1942).

— *DESORDENS* — (1931-1941).

## O HOMEM, A LUTA E A ETERNIDADE

Advinha nos planos da conciência  
dois alcances intuito com esterla e pensamentos  
mãos de plantas em fogo  
vertigem  
deveu haver de forças,  
materia em combusão ardendo pra se definir.  
O alma que não conhece todas as suas possibilidades.

O mundo ainda é pequeno para te encher.  
Abala as colunas da realidade,  
desperta os rinos que estão dormindo.  
A guerra! Olha os aterros se esfacelando!

Um dia a morte devolverá meu corpo,  
minha cabeça devolverá meus pensamentos ruins  
meus olhos verão a luz da perfeição  
e não haverá mais tempo.

(Poemas)

## OS DOIS LADOS

Deste lado tem meu corpo  
tem o sono  
tem a minha namorada na janela  
tem as rosas girando de lumes e movimentos  
tem meu amor tão lento  
tem meu anjo da guarda  
que às vezes se esquece de me guardar  
tem o mundo batendo na minha memória  
tem o caminho pro trabalho.

Do outro lado tem outras vidas vivendo da minha  
vida  
tem pensamentos sérios me esperando na sala de visitas  
tem a minha noiva definitiva me esperando com  
flores na mão  
tem a morte, as colunas da ordem e da desordem.  
(Poemas)

## A LUTA

(Cantos virginais do mundo  
planos de inocência  
árias de amor puro).

A vida estrangulou os meus cantos de inocência  
sou da noite, da asombração  
e dos ritmos desesperados!  
Tardes calmas, vida tângua da nas varandas cariocas  
olhando o mar, nuvem mala.



MURILLO MENDES, POR C. PORTINARI

Nunca mais vibrarão cantos de noivas nos meus  
terreiros,  
nem vestidos pendurados lembrarão a forma da  
lecola amada,  
nem eu dansarei.  
Nem olharei pra rosas, nem me banharei na lus  
(das madrugadas...  
Só a luta entre um homem acuado  
e um outro que está andando no ar.

(Poemas")

## SAUDAÇÃO A ISMAEL NERY

Açona dos cubos verdes e das esteras azuis  
um anjo magnético sopra o espírito da vida.  
Depois de fixar os contornos dos corpos  
transpõe a região que nasceu sob o signo do amor  
e reúne no regaço cheiroso as partes desconhecidas  
do mundo,  
apelo dos ritmos movendo as figuras humanas,  
solicitação das matérias do sono, espírito que  
inunca descança.

O anjo pensa dos ligados do tempo,  
as formas futuras dormem nos olhos dele.

Recebe diretamente do Espírito  
a visão estantânea das coisas, é vertigem!

peneira o sentido das idéias, das cōres, a verdade  
olhos do mundo,  
zona livre de corrupção, música que não pára nunca,  
transparência.

(Poemas")

## SALMO

Eu Te proclamo grande, admirável,  
Não porque fizeste o sol para servir o dia.  
E as estrelas para servirem a noite;  
Não porque fizeste a terra e tudo que se contém  
lá, Os frutos do campo, as flores, os cinemas, as locomotivas;  
Seus animais, suas plantas, seus submarinos, suas aéreas;  
E Eu Te proclamo grande e admirável eternamente  
Porque Te fazes pequenino na Eucaristia,  
Tão pequenino que su, fraco e miserando, posso Te  
louvar...  
(Tempo e Eternidade")

## MINHA MUSA

Estás sózinha desde o princípio  
Foste imaginada na época da formação das pedras.

Um formidável temporal lavou a terra ante o  
E muitas estrelas de perfil se inclinaram sobre o

Atravessas desertos de areia e mares vermelhos  
Sem que ruiva tuu corpo,

SEM que ningum peuvre tua esséncia,  
Os poetas te sacrificam suas amadas retrospectivas

Tua cabeca triste e aerea recorda eternamente  
num céu de convulsões desencadeada o misterio

Distribuas ao mesmo tempo o consolo e o desespero  
As olhos dos homens é acima do sexo como uma

Aos olhos das mulheres é masculina como um grito

Anuas os movimentos de quem chega a admirar  
E não te perturbas nem ao menos diante de

(Tempo e Eternidade")

## VOCAÇÃO DO POETA

Não nasci no começo desse século,  
Nasci no relo do Eterno,  
Nasci de mil vidas superpostas,  
Nasci de mil angústias desdobradas.

Vim para conhecer o mal e o bem,  
E para separar o mal do bem,  
Vim para amar e ser desamado.

Vim para desprezar os grandes e consolar os  
pequenos.

Não vim para construir minha própria riqueza  
Nem para destruir a riqueza dos outros,  
Vim para reprimir o choro ferimelado

Que gorangas anteriores transmitiram ao meu

Vim para experimentar diuidas e contradições

Vim para sofrer as influências do tempo  
E para afirmar o princípio eterno de onde vim.

Vim para atirar uma pedra em Mamon.

Vim para distribuir inspiração às musas.

Vim para garantir que a voz dos homens

Alifará a voz das sirenas das máquinas.

E que as palavras sublancias de Jesus, Cristo

Dominário as palavras do capitalista e do operário

Vim para conhecer Deus meu Criador, poente

Pois se o visse de repente, sem preparo, ficaria

(Tempo e Eternidade")

# CONTEMPORANEA -- 1.ª Série - Antologia da Poesia - IX - MIRILDO MENDES

## CALENDÁRIO DO POETA

O Amigo e a Musa  
Encontram-se alternativamente no meu espírito  
Assim como o dia e a noite para outros.  
E sobre os três, o sol que não se deita.  
O sol de Jesus Cristo, meu Poeta e meu Deus,  
Ilumina sem perspectiva.  
Nossas almas criadas para a eternidade.

("Tempo e Eternidade")

## ECCLESIA

Perenice, Perenice!  
Uma grande mulher se apresentou a mim  
E te faz sombra.  
Elas exige de mim o que tu, insaciável, podes me  
Pedir.  
Elas quer a minha entrega total  
E me oferece viver em corpo e alma  
A Encarnação, a Paixão, a Redenção, o Sacrifício  
Je a Vitoria.  
Perenice! Quanta de mim o mistério do mundo,  
Querendo que eu tome parte nele contra mim  
Ime...  
Perenice! Perenice! tua rival me chama,  
Abre-me pelos olhos, pelos ouvidos, pelo tato,  
Pelo paladar e pelo olfato,  
Procurando diante de mim a branca toucha da  
Ironia.  
E o seu agravador  
Que não me permite, Perenice, comungar no  
Teu corpo e no teu sangue  
("A poesia em pânico")

## COMEÇO

Uma vasta mão me acudira na manhã pura,  
Tivera em mea nesse momento,  
Eu que venho matando desde a criança do mundo.  
E que trago fortes luto comigo  
O preceito dos nossos primeiros pais.  
... e o tempo  
... se de fazer no vestido da grande noiva  
Ibraneu.  
E, finalmente desfrutado, o estrangulo da vida  
Ira pela primeira vez no universo familiar.  
("A poesia em pânico")

## O BRASILEIRO D. PEDRO II OU

## O BRASIL NÃO HA PRESSA

Uma vasta senilidade  
Covada todo a fuzem a  
Encontram-se os nobreza,  
As que fuzem a nobreza  
Pro povo se divertir  
A cada dia paga o que  
Ou em vez que quinhão  
No balanço ruim  
A Inglaterra interveem  
No medo da Inglaterra,  
Todos acham tudo bem.  
Homem interroga todos os mesmos...  
O interroga, de lama,  
Lá e Larousse na rede.  
O fato é que com a clima  
Cinquenta anos se aguentou  
("História do Brasil")

## SONETO DO DIA 15

Senhor do mundo, tem gente,  
Mas já sei agora mesmo.  
Pois que não tenho amores?  
Eu tenho sangue, mas frio,  
  
Céo e Império brasileiro  
Ao dito das circunstâncias.  
Fó luto daqui sanduíche,  
Ju tico aguardo de Deus.  
  
Pensou não querer, obrigado,  
Tratou bem de meus moleques  
Estou fazendo um soneto:  
  
O papel está acabando,  
Cerro no último verso,  
Ei que cedo o meu lugar.  
("História do Brasil")

## REZA

Forças brancas da arca do judeu  
que se movem  
em procissões desordenadas dentro de mim.  
Iota e minúscula  
A terra está cheia de mulheres tão bonitas  
quimbrando na ruas, as casas, os comitérios,  
mulheres! Iotas guinchando as ruas e os astros,  
Pensamentos escondidos lá onde quase neba...  
Lembraço  
dias luminosos, que o homem fia parado  
e querer de tratar da salvação da alma,  
a terra está cheia de pobres necessitados ao ritmo  
epica de amor que chega pra todo os homens.  
Mihas continuas tocam a manivela nas entranhas  
ídio mundo  
e homem elástico de assombração, de mulecas, de  
felicidade as máquinas, que desviam ele dos pensa-  
limentos primários.

Nem a ligura nem o espírito nem a expressão  
não me impediu de me agarrar num garrote do  
tempo e tempo  
por grandes nubes brancas invadindo dentro de  
mim e fora de mim  
me dão de vez em quando o desalento único,  
principalmente aquele que vem lá de longe,  
que desponta do Cruzeiro do Sul  
enorme cheiro e sobre mim.

(Dante Milano — "Antologia de Poetas Modernos")

## JANDIRA

O mundo começava nos arcos de Jandira,  
Depois surgiam outras peças de Oratório:  
Surgiram os cabelos para cobrir o corpo,  
As hélices dos braços para cortar o ar  
(As vezes o braço enquiero desaparecia no caos,  
Picava somente o braço direito),  
E surgiram os olhos para vigiar o resto do corpo.  
E surgiram cercas da garganta de Jandira;  
O ar interno ficou eterno de sons  
Mais palpáveis do que aves.  
E a antecita das mãos de Jandira  
Captavam os objetos animados, inanimados,  
Dominavam as rochas, os peixes, as máquinas,  
E os mortos guardavam nos caminhos visíveis do ar  
Quando Jandira praticava a cabeceira...

Depois o mundo desandou-se completamente.  
Foi-se levantando, armado de anuncios luminosos.  
E Jandira apareceu interior,  
Da cabeça aos pés.  
Todas as partes do maquinismo tinham importância.

E Jandira apareceu com o cortejo de seu pal,  
De sua mãe, de seu irmão.  
Eles é que obedeciam aos sinais de Jandira  
Crescendo na vida em graça, beleza, violência.  
Os namorados passavam, cheiravam os scios da  
Jandira  
E eram precipitados nas delícias do inferno.  
Eles jogavam por causa de Jandira,  
Deixavam noivas, esposas, mães, irmãs  
Por causa da Jandira.  
E Jandira não tinha pedido coisa alguma.  
E vieram retratos no Jornal por causa de Jandira.  
E apareceram cadáveres botando por causa de Jandira.

Certos namorados viviam e morriam  
Por causa de um detalhe de Jandira.  
Um deles se cindiu-se por causa da boca de Jandira.  
Outra, por causa de uma pinta na face esquerda de  
Jandira.  
  
E os cabelos de Jandira  
Cresciam furiosamente com a força das máquinas;  
Não caia nem fio  
Nem ela se aparava.  
E a boca de Jandira era um disco vermelho  
Tal que um sol n'rum.  
Em roda de cheiro de Jandira  
A família n'vara tonta.  
As visitas tropavam nas conversações  
Por causa de Jandira.  
E um padre na missa  
Esqueceu de fazer o sinal da cruz por causa de  
Jandira  
E Jandira se casou.  
E o corpo de Jandira inauguro uma vida nova,  
Apareceram ritmos que estavam de reserva,  
Combinações de movimentos entre as andas e os  
lascos.

A sombra do corpo de Jandira  
Nasciam quatro meias que repetem  
As formas e os gestos de Jandira desde o princípio  
[do tempo].  
E o marido de Jandira  
Morreu na epidemia de gripe espanhola.  
E Jandira cobriu a sepultura com os cabelos dela.  
Desde o terceiro dia o marido de Jandira  
Faz um grande esforço para ressuscitar.  
Não se conforma no quarto escuro onde está,  
Que Jandira viva sózinha.  
Que os seios, a cabeceira dela transformem a cidade  
E que ele fique ali, atôa.

E as filhas de Jandira  
Inda parecem mais velhas do que ela.  
E Jandira não morre.  
Espera que os clarins do juizo final  
Venham chamar seu corpo.  
Mas eleg não veem.  
E mesmo que venham  
O corpo de Jandira  
Resuscitará atôa maior, mas agil e transparente!

("Visionário")

## DUAS IRMÃS

Uma mulher conta de noite  
A sua irmãzinha maior  
A história de seus amores.  
Canta o último namorado.  
Descreve o festejo.  
Nos seus mínimos detalhes,  
Depois narra com ternura  
O que se passa entre os dois.  
A outra escuta clamando.  
Não dormiu a noite inteira  
Até a amizade entre as duas  
Dai por diante cresce.

(Visionário)

## FORMAÇÃO

A tua noce nos olhos de Eva.  
A noite nasce nos cabelos de Eva.  
Meus pais nasceram no ventre de Eva.  
Eu nasci no ventre de Eva.  
Minha amada nasce no ventre de Eva.

(Visionário)

## MULHER EM TRÊS TEMPOS

Minha boca está no presente,  
O meu olhar no passado,  
Meu ventre está no futuro.  
Minha boca toda a noite  
Está na boca amorosa  
Do meu marido atônito.  
Meu olhar está no olho  
Do meu namorado antigo.  
Meu ventre está no futuro  
Do corpinho do meu filho.

(Visionário)

## MORAL DO TATO

"A mão de meu namorado  
Segura nos meus cantos.  
Tem a forma parecida  
com uma onda que já vi.  
Parce com a mão de meu pai;  
Essa mão há tantos anos  
Faz parte da minha vida.  
— Desde sete anos me lembro  
Dos carinhos dessa mão —  
Que sei toda tia de cor".

(Visionário)

## DILATAÇÃO DA POESIA

Nas formas da filha o pat  
Vê sua mulher ressurgir  
No voo da moedade,  
Inda há pouco ele subia  
Uma escada com sua filha,  
Parce-lhe que levava  
Sua mulher pela mão.  
Comovida, para o altar.

(Visionário)

## SOLIDARIEDADE

Sou ligado pela herança do espírito e do sangue  
Aos mártires, aos assassinos, aos anarquistas,  
Sou ligado  
Aos caídos na terra e no ar,  
Ao vidente da escuridão,  
Ao padre, ao monge, à prostituta,  
Ao mecânico, ao poeta, ao soldado,  
Ao santo ou ao mico.  
Felizes à minha imagem e semelhança.

(Visionário)

## PRÉ-HISTÓRIA

Mamãe vestida de rendas  
Tocava piano no caos.  
Uma noite abriu as usas  
Canzada de tanto som,  
Equilibrou-se no arn,  
De tonta não mais olhou  
Para mim, para ninguém!  
Cai no álbum de retratos.

(Visionário)

## WOLFGANG AMADEU MOZART

Sentado à sombra do teu monumento aéreo  
Venho conversar contigo, ó Wolfgang Amadeu!  
A noite enrola as montanhas de Salzburg.  
As espadas dos ditadores confabulam nas trevas.  
Recolhem as flautas, os cimbais, os violinos  
E barram o horizonte com os tambores, os canhões, os  
Iparaguaias.

Destroem a calixinha de música  
Que alimentou nossa infância  
Põem abúlio os teatros de marionetes  
E erguem gigantes de chumbo...

O Wolfgang Amadeu, conspiram contra o ritmo  
Constroem as faixas pâtrias e mutilam a unidade.

O coração do universo  
Estala, não pode mais,  
O peso do Minotauro  
Esmaga a aia da música.  
Sufocam a dança da manhã primavera da cracóia.  
Sufocam a liberdade de dançar e de errar.  
Fascinam pelo teu cristal  
Que permanece oitivo e limpaz acima do massacre.  
Venho te confessar minha fidelidade  
Enquanto os raios dos ditadores desabam sobre a  
Europa.

E' de ti que o mundo preceia  
O dominador e o clemente e os instintos.  
Acina das balanças e das lutas dos tiranos.  
Canta, para chama, dança, Wolfgang Amadeu,  
Para que o homem ritorne ao paraíso.  
Teu canto é liberdade  
Teu nome é vitória...

Rio de Janeiro, 5 de dezembro de 1941.  
No 150.º aniversário da morte de Mozart.  
("Autores e Livros", V. 1")

# ANTOLOGIA DA LITERATURA BRASILEIRA CONTEMPORÂNEA -- 1.ª Série - Antologia da Poesia - IX - MURILLO MENDES

## ARMILAVDA

Armilavda, ó doce Armilavda,  
Lembra-te do tempo em que descobrimos o universo  
Lembra-te do tempo em que se descrevia a cor  
Ivenso  
Iinha das nuvens  
Em que ficávamos na varanda à espera da lua,  
Em que reunímos a respiração diante do movimento das ondas?  
Em que folheávamos grandes livros de gravuras,  
Em que nos debruçávamos sobre o mapa da terra,  
Lembra-te quando te apontei um dia a Áustria,  
A Índia com seu palácio, monumental,  
A China da profundidade e do mistério?  
Armilavda  
Se que te lembras do tempo  
Em que fomos para o campo assistir ao germinar  
ida a semente  
Cortina, solta a cabeleira no vento.  
Tua pernas eram fortes e poldas  
E os lagartos azuis do teu vestido  
Se confundiam com as borboletas do mato.  
Sei que te lembras do Jogo de bilhar no quarto  
ladrilhado  
Da noite em que surpresa de domino naquele baile  
de máscaras,  
De nossas primas tocando piano a quatro mãos,  
Das grandes chuvas de pedra e da surpresa do arco-íris das nuvens,  
Que te lembras de tudo... Das nossas respirações  
tem suspense  
Das longas confidências no jardim de magnólias,  
Do movimento das ondas, lá fora, despendendo a  
ífrica...  
Sei que colecionaste todas as imagens,  
Que de vez em quando sobrete às matinas o cheiro  
das magnólias  
E que tentas reconstituir a era do entrelacamento  
de duas sereias.  
Armilavda, Armilavda  
O tempo é o mesmo, germina nos campos a primavera  
de outrora,  
A tua cheira está nôta entre ronhas de nuvens,  
As ondas lá fora despenham a praia.  
Armilavda, Armilavda, o tempo é o mesmo...  
Nos palácios monumentais da Índia,  
Letam tropas de páixas e soldados nus,  
Na China da profundidade e o mistério  
Marem crianças e velhos mestralhados.  
Consultaramos tantos mapas, ferímos tantos livros...  
Mas não fomos lido a história de Abel e Caim.

"Autora e Livros" de 26-4-1942.

## AEROGRAMA

(Inédito)

Viver triste asfixiado  
Uma eternidade vermenha  
Na tua boca de concha  
Suspensa entre o céu e o mar.  
  
Colher passaros na mão  
Soltar as nuvens calmas  
Esperando o ralo agir  
No limiar do filho prodigo.  
  
Langarei um dia os séculos  
Que se acumulam no olhar  
Até que a pedra suspira  
Os segredos da atmosfera.  
  
Bemontes de pianos crescem  
Pra ondas que sobem escadas  
Ao poço que peixes azuis  
Beberem no oceano do poeta.  
(As Metamorfoses")

## REMOVER NUVENS

(Inédito)

Guardião de zumbos levantei a aurora  
Avivando os lumens do trabalho inutil  
Tangiam-nos as nuvens do universo-igreja,  
Convocando, desesperado, as avalanches  
De pessoas, de bichos e de amores.  
  
Vieram a mim os peixes das águas primitivas,  
Vieram as enormes borboletas-fadas  
Que enchiham de azul todo o abismo vasto.  
Vieram as inspiradoras dos poetas de todos os  
tempos.  
  
Vou a danta gigante de mil braços.  
Vou o Filho do Homem... pairando sobre as ondas.  
  
Eu dialoguei com todas elas,  
Aprendi a história de todos  
E todos aprenderam minha história  
Que levaram para o outro lado da terra,  
Para os campos,  
Para o fundo do mar e para o céu.  
  
O mundo público.  
Eu te convidei para a tua pessoal.  
(As Metamorfoses")

## AEROPOEMA

(Inédito)

Eu me encontrei no fundo do horizonte  
Onde as nuvens falam  
Onde os zumbos teu mios e pes  
E o mar é a audição das palavras escritas.  
  
Eu me encontrei onde o real é fábula  
Onde o sol recebe a luz da lua  
Onde a música é pão de todo o dia  
E as flores se acasalam com as crianças.  
  
Onde o homem e a mulher são um  
Onde espadas e granadas  
Transformaram-se em churras  
E onde se fundem verbo e ação.  
(As Metamorfoses")

## O OBSERVADOR MARÍTIMO

(Inédito)

Em pé no monumento das nuvens  
Registre os cíclones do horizonte  
A submersão dos navios  
Os maus tratos aos clandestinos  
A angústia das galivetas e dos afogados  
O suicídio da filha do faroleiro  
O transporte das escravas brancas  
O transporte das armas para o massacre dos coloniais  
  
A fragmentação da Leviatã em mil pedaços  
O frio a fome dos passageiros de terceira  
O assassinato dos países indefesos  
A confusão do alfabeto das conchas  
E o inexplicável desaparecimento da sereia polaca.  
(Os quatro elementos")

## CARTA MARÍTIMA

(Inédito)

A galvota-correio chega pontualmente  
"Corre tudo em ordem no meu corpo

## O POETA MARÍTIMO

(Inédito)

A noite vem de Bornéo  
Cotidiano se enrola no astracan  
A tempestade lava os ombros da pedra  
O grande navio ancora nos poxes dourados  
Um menino serve-se da história de Robinson  
Alguém grita  
Pedindo uma outra vida um outro sonho  
Um outro crime  
Entre o amor e o alcool  
Entre o amor e o mar.  
Ouvir-se distintamente  
O respirar das hílicas  
O céu inventou o vento  
A serreta enrola o mar com o rabo.  
(Os quatro elementos")

## ANONIMATO

(Inédito)

Uma mulher na varanda  
Se debruça sobre o mar  
Contempla as galvotas gêmeas  
Espera uma carta de amor.

Brilha o cemitério aéreo  
As nuvens jogam box.

Passam meninas cantando  
Não sabem que sou poeta  
E o amor que existe em mim.  
(Os quatro elementos")

Fogo Fátilo

Fogo fátilo que se desprende  
Não apenas dos cemitérios  
Também dos ossos dos vivos

Fogo fátilo acego pelos ditadores  
Fogo fátilo errando pelo mundo  
das lágrimas, das viúvas e dos órfãos  
Um dia te apagarão

Fogo fátilo dos vivos!

Murilo Mendes